

Princípios do plano flutuante: o solitário 2001: A Space Odyssey

(Vicente Gosciola)

O autor: Vicente Gosciola é mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e Doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi. Autor do livro *Roteiro para as Novas Mídias: do Cinema às Mídias Interativas* (2ª. ed. rev. e ampl. Senac, 2008).

Resumo: O presente artigo examina alguns planos-sequência do filme *2001: Uma Odisséia no Espaço* (1968), de Stanley Kubrick, observando como a movimentação de câmera nesses planos produz impressão específica de “plano flutuante” no olhar dos espectadores.

Ver o filme pela primeira vez

Em 1971 assisti ao filme de Stanley Kubrick, *2001: Uma odisséia no espaço*. Já não era novidade nas telas brasileiras, mas foi a oportunidade de assistir a um ótimo filme em uma das melhores salas da cidade. A sala Comodoro Cinerama, no final da avenida São João, no centro da cidade de São Paulo, projetou o filme em Super Panavision 70, também chamado de Super Cinerama 70mm. O efeito da projeção, em tela gigante e curva (20 metros de largura, 7 de altura, 144 graus de curvatura), alcançando a visão periférica, foi de plena imersão. Comecei a ver o filme em um estado normal, mas logo fui projetado para dentro dele e vivi uma experiência inesquecível, altamente sensorial e inquietante. Experimentei uma sensação de ausência de gravidade, como que uma constante flutuação.

Assim, passei a buscar essa mesma impressão em outros filmes de ficção científica e daí a ser um cinéfilo, extrapolando para outros gêneros. Em 1998 assisti à nova cópia exibida em São Paulo, em uma tela bem menor que a do Comodoro, e tive uma sensação muito semelhante. Enquanto assistia me perguntava como se dava tal experiência de flutuação.

Com o recurso do DVD, passei a observar atentamente a cada plano-sequência. Encontrei pontos em comum nesses planos. O ponto em comum que mais me chamou a atenção foi que alguns planos mais longos têm um movimento de câmera extremamente lento. A câmera não só enquadra, em grande plano geral, os campos habitados pelos

macacos ou as naves valsando no espaço como também descreve um lento e quase imperceptível movimento em panorâmica ou travelling.

A odisséia da produção

A realização do filme *2001: a space odyssey* teve particularidades interessantes a serem lembradas. É considerado por muitos estudiosos como um marco histórico da cinematografia e da ficção científica. É um filme pouco explicativo para as características tradicionais do gênero porque dentre os seus 140 minutos de duração, apenas 40 minutos são ocupados por diálogo. Na segunda versão, chamada de edição do diretor, há a inclusão da abertura de alguns minutos que tem a palavra “Overture” sobre um fundo neutro, e o mesmo tratamento para o entreato, “Entr'Acte”, sob a trilha de György Ligeti, denunciando a ação de Kubrick em dirigir a edição com mão firme para caracterizar bem uma produção altamente elaborada.

Kubrick co-produziu o filme com Victor Lyndon, com quem já havia produzido *Dr. Strangelove or: How I Learned to Stop Worrying and Love the Bomb* (1964). Como diretor Stanley Kubrick teve uma carreira intensa na década de 1950, passando a ser um realizador menos regular a partir de *Lolita* (1962) com 9 títulos neste período e 7 títulos de 1964 a 1999. Kubrick foi roteirista deste *2001* assim como participou do roteiro de quase todos os seus 16 filmes e contou como co-roteirista Arthur C. Clarke, escritor de ficção científica e inventor britânico, autor do conto *The Sentinel*, base do roteiro de *2001* e que anteriormente ao filme só tinha trabalhado com roteiro para duas séries de TV. Durante toda a produção, Kubrick contou com a consultoria científica e técnica da NASA por Frederick Ordway e Harry Lange. O diretor de fotografia foi o experiente britânico Geoffrey Unsworth, com mais de 50 filmes anteriores e outros 30 depois. O designer e diretor de efeitos especiais foi o próprio Stanley Kubrick.

Os créditos finais trazem uma lista de 58 atores e 282 profissionais técnicos, incluindo Kubrick e Clarke, uma lista comparável às grandes produções atuais. Há quarenta anos, uma mesma pessoa teria várias funções. Já num primeiro olhar pode-se verificar o acúmulo de funções para Stanley Kubrick. Além direção e produção geral do filme ele também é o diretor e designer da fotografia dos efeitos especiais. Sua concepção de montar, ou trucar, na maquete das naves as cenas reduzidas de pessoas em plena atividade é sem dúvida inovadora e garante a força de convencimento necessária no início de filme que propõe um futuro em estado tecnológico avançado. Há que se fazer um esforço de produção de efeitos para assegurar que o espectador assista ao filme

sem levantar questões -que prejudicariam a continuidade e a unicidade da obra- sobre a viabilidade científica de qualquer artefato futurista que o filme tão suavemente apresenta. Chama a atenção o número de consultores técnico-científicos (05) e de técnicos para os efeitos visuais e especiais (101).

Primeiras pistas

Motivado pela curiosidade em identificar algum trabalho concreto com a direção de fotografia que promovesse o efeito de flutuação, assisti ao DVD muitas vezes até encontrar um indício. O trabalho do diretor de fotografia de *2001*, Geoffrey Unsworth, tende a constituir uma linguagem específica para transmitir uma sensação diferenciada ao espectador. Tal linguagem seria o resultado de uma ordenação de movimentos de câmera que estariam principalmente voltados para o que eu me arrisco a chamar de plano flutuante. Esse seria, basicamente, um plano-sequência que trabalha o deslocamento de câmera em espaços grandiosos em velocidade muito lenta, quase que nula. A câmera descreve um movimento circular, ora circundando o objeto, ora sendo o próprio eixo de seu giro. Tal movimento sugeriria ao espectador um aparente estado de flutuação, ou suspensão, como uma ausência de gravidade. A presença de planos flutuantes obedece a certos critérios voltados principalmente ao contexto onde tais planos aparecem, por exemplo: em *2001* essas suspensões acontecem sempre que houver a intenção de subjetividade de quem está dentro de uma nave. Ocorre que no início do filme, o período seria o Plioceno (AGEL, p.364), aparecem flutuações que poderiam denotar o ponto de vista do monolito, isto é, a câmera subjetiva do monolito chegando à Terra. Os padrões repetidos determinam a linguagem da fotografia, isto é, em *2001* a ordenação dos planos-sequência é específica e muito peculiar aos filmes de ficção científica, mas planos flutuantes não aparecem em todos porque nem todos se passam no espaço — espaço aqui é considerado o local extra-planetário isento de atração gravitacional. O tempo e o espaço utilizados para a exposição de um assunto através do plano flutuante são determinantes para assim nomeá-lo como, por exemplo, o primeiro plano que mostra o alinhamento da Terra, da Lua e do Sol.

Uma observação introdutória ao plano flutuante em *2001*

Apresento a seguir uma decupagem e análise de um trecho do filme *2001: uma odisséia no espaço*. Esse trecho vai do início do filme até o fim da valsa *An der schönen, blauen Donau*, op. 314 de Johann Strauß. Nesse trecho aparecem os primeiros,

e talvez os mais importantes, planos flutuantes. Conforme observado anteriormente, o trabalho de direção de fotografia em filmes de ficção científica tende a utilizar-se de uma linguagem específica para transmitir uma sensação diferenciada ao espectador. Tal linguagem seria o resultado de uma ordenação de movimentos de câmera que estariam principalmente voltados para o que se poderia chamar de plano flutuante. Esse seria, basicamente, um plano-sequência que trabalha o deslocamento de câmera em espaços grandiosos e em velocidade muito lenta, quase imperceptível. A câmera descreve um movimento circular, ora circundando o objeto e ora sendo o próprio eixo de seu giro.

Antecedendo a aparição do título do filme e acompanhado por trecho do tema *Also Sprach Zarathustra* de Richard Strauss, o primeiro plano já seria um plano flutuante. É um movimento de câmera vertical em grua de baixo para cima, sem angulação e em plano geral (PG), saindo de trás da Terra subindo lentamente para mostrar o arco da Lua e continua a subir até mostrar o Sol por trás dela. A câmera estaria inicialmente no mesmo alinhamento dos três astros.

A seguir, iniciado pelo subtítulo “The dawn of man” são apresentadas, em três momentos, cenas de cotidiano e de luta pela sobrevivência de australopitecos. Tudo com o “som direto” daquela “natureza” de 4 milhões de anos atrás. No primeiro momento há um plano flutuante de câmera vertical travelling in, com angulação de cima para baixo e em grande plano geral (GPG), saindo de trás de um morro apresentando as condições áridas da região.

Ainda na mesma temporalidade -agora este quarto momento acompanhado de *Lux Aeterna* e *Requiem, for Soprano, Mezzo-Soprano, 2 Mixed Choirs & Orchestra* de György Ligeti-, ocorre a primeira aparição do monolito. Os dois planos flutuantes em uma análise posterior serão descritos como a chegada desse monolito à Terra do ponto de vista do próprio monolito. Conforme o próprio Kubrick afirma (KAGAN, 1989) o filme descreve o contato do homem com essas inteligências extraterrestre superiores que vão influenciar a conduta e o progresso dos seres humanos definindo seus saltos evolucionistas.

Ao longo da primeira hora de filme são realizados 26 planos flutuantes. A grande maioria em situações com ausência de pressão atmosférica tanto para tomadas externas quanto internas às naves. Todos eles são estruturados da mesma forma: um plano-sequência que trabalha o deslocamento de câmera em espaços grandiosos em velocidade muito lenta, quase que nula.

Um dos planos mais intrigantes é o que mostra a nave esférica, onde se encontra o Dr. Heywood Floyd, se aproximando da lua Clavius sendo iluminada pelo Sol que aparece quase escondida atrás da lua, mas que está praticamente no centro da tela. A nave é o único objeto cujo deslocamento é claramente percebido: ela vem da direita para a esquerda, do primeiro plano e vai para o fundo do espaço, do centro da lateral direita para o centro da tela. Aqui a câmera também se movimenta. Após inúmeras revisões fica a clara impressão de que realiza um movimento que não é muito comum: tendo como eixo o Sol, a câmera descreve um breve trecho de pião, isto é, ao invés da câmera fazer uma pan sobre o seu próprio eixo ela se desloca sobre trilhos em arco sendo que o centro do raio desse arco é o próprio Sol. Não há registros de planos flutuantes em outras produções, nem mesmo no seu concorrente mais próximo, *Solaris* de Andrei Tarkovsky (URSS, 1972), que também tem cenas de espaço detalhadamente trabalhadas, é visível o recurso de plano flutuante.

Essas são algumas das observações que servem para iniciar uma análise sobre o plano flutuante de *2001, uma odisséia no espaço*, considerado como a primeira produção cinematográfica de ficção-científica corretamente fundamentada. Conforme Andréa Staskowski (1992), é uma produção que recebe e receberá muitos estudos porque é um marco já que, antes dele, o gênero não era bem respeitado.

Referências bibliográficas

AGEL, Jerome (ed.). *The making of Kubrick's 2001*. New York, New American, 1970.

BAXTER, John. *Stanley Kubrick: a biography*. New York, Carroll & Graf, 1997.

CARROLL, Noël. *Theorizing the moving image*. New York, Cambridge, 1996.

KAGAN, Norman. *The Cinema of Stanley Kubrick*. New York, Continuum Pub, 1989.

NELSON, Thomas Allen. *Kubrick: inside a film artist's maze*. Indiana, Indiana University, 1982.

STASKOWSKI, Andréa. *Science fiction movies*. Minneapolis, Lerner, 1992.